



“ERA COMO O ARDOR DE UM AMANTE”: EROTISMO E VAMPIRISMO EM *CARMILLA* (1871–1872), DE SHERIDAN LE FANU (1814–1873)¹

“It was like the ardour of a lover”: eroticism and vampirism in Carmilla (1871–1872), by Sheridan Le Fanu (1814–1873)

“Era como el ardor de un amante”: erotismo y vampirismo en Carmilla (1871–1872), de Sheridan Le Fanu (1814–1873)

Márcia Maria da Silva Barreiros²
João Matheus Silva Guimarães³
Alexandre Bartilotti Machado⁴

Resumo: Este artigo analisa o interdito e a transgressão em *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu, articulando o erotismo de Georges Bataille à história da sexualidade e às relações de gênero. A leitura histórica de cenas de aproximação, adoecimento e execução identifica uma disputa pela autoridade sobre o corpo e o relato de Laura. Sustentamos que a ordem tutelar combate a violência da vampira mediante uma violência legitimada, sem eliminar a ambivalência do desejo na memória da narradora. O confronto entre ficção, contexto de publicação e discursos sobre a sujeição feminina permite historicizar essa tensão. Ao final, a circulação digital da obra abre uma perspectiva de pesquisa sobre adaptações e comunidades de recepção.

Palavras-chave: Carmilla. Erotismo. Relações de gênero.

Abstract: This article examines taboo and transgression in Sheridan Le Fanu’s *Carmilla*, bringing Georges Bataille’s account of eroticism into dialogue with the history of sexuality and gender relations. A historical close reading of intimacy, illness and execution reveals a struggle over authority concerning Laura’s body and narrative. We argue that the guardians’ order

¹Este trabalho tem como base o projeto de TCC para a pós-graduação lato sensu de João Matheus Silva Guimarães. A versão agora apresentada conta com adições, revisões e ideias trazidas pelos outros dois autores em coautoria.

² Pós-doutora em História pela USP. Doutora em História pela PUC-SP. Universidade do Estado da Bahia (Professora Titular). Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: mm.barreiros@yahoo.com.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7417303124625735>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3917-4310>.

³ Mestre em História pelo PPGEAFIN-UNEB. PPGH – UFBA (Aluno especial em nível de doutorado). E-mail: alexandrebmachado@yahoo.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0028759224499737>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9561-8721>.

⁴ Licenciado em História pelo DCH I – UNEB. Aluno regular (mestrando em História pelo PPGH - UNEB). Email: jmsg2904@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0628987439471260>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6189-0882>

counters the vampire's violence through legitimized violence, without eliminating the ambivalence of desire from the narrator's memory. Reading the fiction alongside its publishing context and contemporary debates on women's subjection historicizes this tension. The work's digital circulation then opens a research perspective on adaptations and communities of reception.

Keywords: Carmilla. Eroticism. Gender relations.

Resumen: Este artículo analiza la prohibición y la transgresión en *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu, articulando el erotismo de Georges Bataille con la historia de la sexualidad y las relaciones de género. La lectura histórica de escenas de intimidad, enfermedad y ejecución identifica una disputa por la autoridad sobre el cuerpo y el relato de Laura. Sostenemos que el orden tutelar combate la violencia de la vampira mediante una violencia legitimada, sin eliminar la ambivalencia del deseo en la memoria de la narradora. El contraste entre ficción, contexto editorial y discursos sobre la sujeción femenina permite historizar esta tensión. Finalmente, la circulación digital de la obra abre una perspectiva de investigación sobre adaptaciones y comunidades de recepción.

Palabras clave: Carmilla. Erotismo. Relaciones de género.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira Sheridan Le Fanu representa, em *Carmilla*, a relação entre vampirismo, erotismo e transgressão. Interessa-nos compreender como a figura da vampira se constitui simultaneamente como objeto de desejo e ameaça, em uma narrativa na qual a defesa da jovem Laura envolve a intervenção de autoridades familiares, médicas e religiosas. A pergunta que orienta o exame é a seguinte: como a novela organiza os limites do desejo entre mulheres e quais contradições aparecem quando esses limites são restabelecidos? O problema exige acompanhar a relação entre as personagens até a execução de Carmilla e a rememoração dos acontecimentos por Laura.

Sustentamos que a transgressão possui um movimento duplo. A vampira ultrapassa os limites do corpo e do vínculo afetivo ao transformar a aproximação amorosa em apropriação da vida de Laura; os agentes que a combatem, por sua vez, legitimam uma violência excepcional para preservar a ordem ameaçada. Essas posições não são equivalentes: a sobrevivência de Laura está efetivamente em risco no universo ficcional. Entretanto, o desfecho permite investigar quem pode exercer a violência, quem a reconhece como necessária e quem conserva a autoridade de narrar seus efeitos. A destruição material de Carmilla encerra a perseguição, mas não elimina a alternância entre atração e horror na memória da narradora.

A discussão insere-se nas relações entre História e Literatura. A novela é examinada como uma elaboração formal de conflitos historicamente situados, cuja interpretação requer

distinguir o contexto de publicação, a organização da ficção e suas apropriações posteriores. Não tomamos as personagens como retratos imediatos das mulheres oitocentistas, nem suas falas como opiniões automaticamente atribuíveis a Le Fanu. Os recursos narrativos selecionam, deslocam e tornam sensíveis problemas de seu tempo. A distância entre o escritor irlandês, o mercado editorial de língua inglesa e a Estíria ficcional integra, portanto, o problema histórico, em vez de desaparecer sob uma referência genérica à moral vitoriana.

A fonte principal é *Carmilla*, publicada em quatro entregas de *The Dark Blue*, entre dezembro de 1871 e março de 1872, e reunida em *In a Glass Darkly* no mesmo ano de sua conclusão (Jones, 2015). Utilizamos a edição brasileira de 2021 para as citações dessa tradução e cotejamos as passagens analisadas com o texto inglês de 1872, disponível na reprodução digital do terceiro volume da coletânea. As remissões a esse texto indicam o prólogo ou o capítulo, preservando a distinção entre as edições consultadas. O exame considera também a moldura editorial ficcional, que apresenta a narrativa entre os papéis do doutor Hesselius.

O procedimento metodológico compreende quatro operações articuladas. Primeiro, delimitamos as condições de produção e circulação inicial da obra, recorrendo à historiografia sobre Le Fanu e seu periódico de publicação. Segundo, realizamos uma leitura cerrada das cenas de acolhimento e intimidade, das intervenções sobre o adoecimento de Laura e da execução da vampira. A seleção acompanha mudanças na relação entre desejo, ameaça e autoridade, e não apenas passagens que contêm vocabulário amoroso. Terceiro, examinamos, em cada conjunto, quem fala, qual conduta é interdita, como se manifesta a transgressão e que instância interpreta ou sanciona os acontecimentos. Por fim, confrontamos o encerramento institucional do caso com a permanência afetiva de *Carmilla* no relato.

Georges Bataille orienta a análise da relação entre interdito, transgressão e continuidade; Michel Foucault permite interrogar a produção de saberes sobre os corpos; Joan Scott fundamenta o tratamento do gênero como relação de poder. Esses instrumentos não são empregados como teorias intercambiáveis. O tratado de Augustin Calmet e *The Subjection of Women*, de John Stuart Mill, comparece como documentos de debates históricos distintos, e não como complementos filosóficos de Bataille. A discussão final sobre circulação digital possui caráter exploratório e se apoia em pesquisas publicadas sobre a adaptação de *Carmilla* para a internet. Ela delimita desdobramentos possíveis, sem apresentar uma investigação empírica própria de comunidades de fãs.

Le Fanu e as condições históricas de publicação

Joseph Thomas Sheridan Le Fanu nasceu em Dublin, em 1814, em uma família de ascendência huguenote ligada à Igreja da Irlanda. Sua atividade intelectual ocorreu em estreita relação com a imprensa e com círculos conservadores protestantes. A família sofreu os efeitos dos conflitos em torno dos dízimos, e o escritor participou dos ambientes associados à *Dublin University Magazine*, da qual se tornou proprietário em 1861. Conforme a reconstrução de Patrick Maume (2009), suas posições combinaram conservadorismo, crítica a setores do poder britânico e vínculos circunstanciais com outras correntes irlandesas. Essa trajetória torna insuficiente descrevê-lo simplesmente como um opositor do governo britânico ou como porta-voz de uma sensibilidade vitoriana homogênea.

A localização da novela também requer precisão. A narrativa é ambientada na Estíria, enquanto Laura se apresenta como filha de um inglês e de uma mulher de origem estíria, vinculada à família Karnstein. Seu pai vive de pensão e patrimônio após o serviço austríaco; a residência senhorial foi adquirida em condições que permitem à família manter conforto com renda relativamente modesta. O inglês falado diariamente, as governantas de diferentes origens e a distância dos centros povoados compõem um espaço de pertencimentos sobrepostos (Le Fanu, 1872, cap. I). A casa familiar não constitui uma reprodução transparente da Inglaterra: é uma construção ficcional na qual familiaridade doméstica, distinção social e estranhamento territorial coexistem.

Essa composição permite formular uma relação controlada com a situação de produção. O reconhecimento aristocrático, os retratos e as ruínas familiares fazem da herança uma garantia de pertencimento e, ao mesmo tempo, uma via de acesso ao perigo. O fato de Le Fanu escrever em um meio marcado por disputas sobre autoridade, religião e propriedade ajuda a situar a relevância desses temas, mas não autoriza reduzir *Carmilla* a uma alegoria unívoca da Irlanda. A análise deve demonstrar como tais tensões são reorganizadas na novela. No caso da família de Laura, os sinais que deveriam atestar a segurança de uma hóspede contribuem para ocultar sua capacidade de ameaça.

A publicação em *The Dark Blue* acrescenta outra dimensão. Anna Maria Jones (2015) mostra que a revista, editada por John Christian Freund, reuniu experiências estéticas e posições diversas, procurando alcançar leitores de língua inglesa para além de Oxford. A inserção de *Carmilla* nesse periódico impede supor que o erotismo da narrativa circulasse apenas como conteúdo clandestino. Ele integrava um objeto editorial comercial, seriado e ilustrado. Isso

demonstra uma condição de visibilidade pública; não prova, por si só, sucesso de vendas da novela nem uma reação uniforme de seus primeiros leitores. A forma de publicação deve ser distinguida da recepção efetivamente documentada.

Também a desigualdade entre homens e mulheres era objeto de contestação. Em *The Subjection of Women*, publicado em 1869, Mill questionou a subordinação legal de um sexo ao outro e o uso da suposta natureza feminina para justificá-la. Argumentou que a educação e a dependência dificultavam separar capacidades efetivas de comportamentos socialmente produzidos (Mill, 2021, p. 32). Esse documento contemporâneo não comprova uma influência sobre Le Fanu, mas evidencia que tutela, obediência e autonomia já constituíam problemas em disputa. Assim, a ação de uma mulher que toma a iniciativa amorosa pode ser historicamente interrogada sem pressupor que todas as mulheres fossem passivas ou que todos os leitores compartilhassem a mesma norma.

A contextualização precisa, portanto, reunir a força das hierarquias e a existência de conflitos em torno delas. A questão de gênero em *Carmilla* não se esgota na proibição abstrata de uma sexualidade. Ela envolve a possibilidade de escolher vínculos, interpretar sensações, ter a própria palavra reconhecida e participar das decisões sobre o corpo. O interesse histórico da novela está na maneira pela qual essas possibilidades são distribuídas e restringidas. A ficção torna o desejo entre mulheres narrável, mas o inscreve em uma relação desigual de sedução e perigo, cuja resolução depende de outras assimetrias de poder.

Interdito e transgressão como problemas de leitura

Em *O erotismo*, publicado originalmente em 1957, Bataille relaciona a experiência erótica ao abalo da separação entre os seres. A descontinuidade designa a existência individual separada; a continuidade, o horizonte de sua ultrapassagem. O erotismo dos corpos, o dos corações e o sagrado são modalidades dessa busca, e não etapas obrigatórias de uma mesma experiência. O interdito estabelece um limite investido de força afetiva. A transgressão o atravessa sem simplesmente suprimi-lo: seu sentido depende da persistência do limite. Essa relação não exige um benefício calculável para quem transgride (Bataille, 1987, p. 14)

Essas distinções orientam perguntas diferentes. Nos encontros entre *Carmilla* e Laura, interessa observar como a linguagem da união se relaciona à invasão do corpo e à distribuição desigual de força. Na execução, a questão passa a ser a autorização coletiva para uma violência

excepcional. A discussão do sagrado não equivale a identificar qualquer presença cristã com erotismo sagrado: hinos, sacerdotes e ritos precisam ser examinados por sua função na narrativa. Tampouco a destruição de um corpo constitui, isoladamente, uma experiência erótica. O recurso a Bataille só se justifica quando permite explicar uma relação demonstrável entre limite, desejo, excesso e sua regulação.

Há, ainda, uma tensão no próprio instrumento teórico. Ao descrever a relação erótica, Bataille atribui, em princípio, atividade à parte masculina e passividade à feminina (Bataille, 1987, p. 44). *Carmilla* impede transformar essa distribuição em regra explicativa: uma mulher toma a iniciativa, dirige os contatos e formula a promessa de união. Seria inadequado resolver a dificuldade apenas atribuindo à vampira um papel masculino. A cena mostra que a agência erótica e o gênero de quem a exerce não se correspondem necessariamente. A ficção permite, assim, interrogar também os pressupostos da teoria mobilizada para lê-la.

O início de *A vontade de saber* (1999) encena a hipótese de uma sexualidade vitoriana silenciada para, em seguida, problematizá-la. O autor investiga a multiplicação de discursos, exames e classificações que fazem do sexo um objeto de conhecimento e intervenção. A histerização do corpo feminino integra esse processo: a mulher torna-se objeto de práticas que vinculam sua sexualidade à saúde e à família (Foucault, 1999, p. 9-18, 98-100). Para a leitura da novela, isso desloca a atenção da mera repressão para os procedimentos pelos quais a experiência de Laura é examinada e convertida em um caso.

Scott (1995) permite especificar a dimensão histórica dessas relações: gênero diz respeito à organização social das diferenças percebidas entre os sexos e à significação do poder. A pergunta não será apenas se *Carmilla* possui características femininas, mas como essa identificação interfere no reconhecimento de suas ações e na autoridade concedida aos demais personagens. A abordagem exige separar a representação literária do desejo entre mulheres de identidades sexuais tomadas como fixas e idênticas às atuais. Empregamos desejo lésbico para nomear a direção da atração representada, sem pressupor uma identidade coletiva já estabilizada no universo das personagens.

O diálogo entre esses autores preserva uma diferença decisiva. Bataille oferece uma problemática da experiência do limite; Foucault e Scott ajudam a perguntar como os limites e as posições dos sujeitos adquirem formas históricas. Não se pretende deduzir o contexto oitocentista de uma teoria geral do erotismo nem dissolver a experiência erótica em um simples efeito institucional. O encontro entre as perspectivas se torna produtivo quando a leitura mostra

como a promessa de romper o isolamento individual é formulada por Carmilla, experimentada de maneira ambivalente por Laura e reinterpretada pelos responsáveis por sua proteção.

A intimidade feminina entre acolhimento e apropriação

A entrada de Carmilla no castelo depende de procedimentos reconhecíveis de hospitalidade. O acidente de carruagem e a solicitação da mulher apresentada como sua mãe oferecem uma justificativa para acolher uma jovem aparentemente vulnerável. A distinção social da visitante torna plausível a confiança do pai de Laura, enquanto a solidão da filha favorece o desejo de companhia. A aproximação ocorre, portanto, por dentro das convenções domésticas. A hospitalidade produz a oportunidade da transgressão: o espaço que deveria proteger Laura oferece à hóspede intimidade e acesso continuado à jovem (Le Fanu, 2021, p. 38).

O relato não distribui confiança e estranhamento de modo neutro. As acompanhantes descrevem uma mulher negra na carruagem mediante traços racializados e depreciativos, enquanto a beleza e os modos de Carmilla sustentam sua recepção favorável. A narrativa não identifica aquela mulher como uma bruxa, e converter a suspeita das observadoras em uma caracterização objetiva repetiria sua hierarquia de reconhecimento. A passagem evidencia que a aparência aristocrática da vampira a protege de uma desconfiança dirigida a outras figuras. Gênero se articula, nessa cena, às distinções de classe e de raça produzidas pelo olhar das personagens, sem que isso permita conhecer a identidade ou a função precisa da mulher observada.

O reconhecimento de Carmilla como a visitante da infância introduz uma temporalidade perturbadora. No primeiro capítulo, o contato ocorrido quando Laura era criança aparece associado a um despertar assustado, a uma sensação de perfuração e à intervenção dos adultos. O episódio estabelece a vulnerabilidade do corpo e a dificuldade de tornar acreditável uma experiência. Quando a visitante reaparece, Laura precisa conciliar a familiaridade do rosto com a lembrança de uma ameaça. A construção do vínculo já contém, portanto, uma disputa entre memória, confiança e interpretação (Le Fanu, 2021, p. 31).

Uma imagem do quarto participa desse processo. A tapeçaria que representa Cleópatra com serpentes junto ao peito aproxima, no espaço visual da cena, o corpo feminino e a morte. Sua função pode ser lida como antecipação da vulnerabilidade corporal que a narrativa

desenvolverá. O efeito depende da composição literária: a intimidade se estabelece em um ambiente onde a morte de uma mulher já figura como imagem contemplável. O quarto reúne conforto, beleza e ameaça antes que o sentido do vampirismo se torne explícito (Le Fanu, 2021, p. 40).

A declaração amorosa de Carmilla explicita a ligação entre aproximação e destruição: “eu vivo em sua calorosa vida, e você deve morrer... morrer, morrer docemente... na minha” (Le Fanu, 2021, p. 46). A passagem não apenas ilustra a presença de erotismo. Sua construção verbal distribui de maneira desigual os destinos das duas personagens. O viver pertence inicialmente a quem fala; o morrer é enunciado como destino da interlocutora. A repetição do verbo insiste na ameaça, enquanto o advérbio procura incorporá-la ao vocabulário da ternura. A promessa de intimidade torna aceitável, no discurso de Carmilla, uma perda cuja consequência recai sobre Laura.

É nesse ponto que a noção batailliana de continuidade permite avançar. Carmilla promete uma existência na qual a separação entre as duas seria ultrapassada, mas a forma concreta dessa ultrapassagem exige a exposição de Laura a um poder que ela não controla. O desejo de fusão não resulta em reciprocidade garantida. A persistência da vampira depende de uma vida tomada da outra, e a possível transformação de Laura prolongaria a cadeia de apropriações. Propomos ler essa promessa como uma continuidade assimétrica: a dissolução das fronteiras entre os seres é anunciada como comunhão, mas se realiza por meio de uma relação de domínio.

O sangue ocupa uma função precisa nessa relação. Ele designa o meio material pelo qual a vitalidade de Laura é apropriada e a existência da vampira se mantém; ao mesmo tempo, confere à linguagem de viver na outra uma realização corporal ameaçadora. Seu valor analítico decorre desse vínculo entre corpo, sobrevivência e dependência. A aproximação amorosa e o adoecimento não são episódios paralelos: o mesmo contato que promete intimidade compromete as condições de existência de quem o recebe. O horror nasce também dessa incompatibilidade entre o que a fala amorosa oferece e o que a ação vampírica produz.

Essa diferença impede reduzir Carmilla a um emblema simples de emancipação. A iniciativa de desejar uma mulher desloca a expectativa de passividade feminina, mas a personagem também recusa esclarecimentos, exige confiança e diminui a capacidade de reação da interlocutora. É possível reconhecer a dimensão transgressora do desejo sem apagar a violência da relação. A recusa dessa distinção levaria a dois problemas opostos: tratar toda

intimidade entre mulheres como uma ameaça ou tomar a transgressão de uma norma como justificativa suficiente para qualquer conduta. O texto permite sustentar simultaneamente o reconhecimento do desejo e a crítica de sua realização coercitiva.

Laura registra a dificuldade de nomear o que sente: “um amor se tornando adoração e também aversão” (Le Fanu, 2021, p. 47). A coexistência não se resolve pela escolha de um dos termos como único sentimento verdadeiro. A narradora comunica prazer, medo e resistência, sem dispor de uma descrição que os concilie. A ação sobrenatural pode explicar parte de sua vulnerabilidade no enredo, mas não esgota o trabalho literário dessa linguagem. A tentativa de dizer a experiência preserva a contradição entre ser atraída e desejar afastar-se, impedindo que a lembrança se torne apenas a denúncia transparente de uma agressora.

A frase que dá título ao artigo aparece na descrição dos gestos de Carmilla: “Era como o ardor de um amante” (Le Fanu, 2021, p. 47). A comparação identifica uma intensidade amorosa e, ao mesmo tempo, procura enquadrá-la em uma figura reconhecível. No texto, Laura chega a imaginar que se trataria de um pretendente disfarçado, hipótese que abandona diante de elementos que não a confirmam (Le Fanu, 2021, p. 50). A ideia de um homem oculto torna inteligível, por um momento, uma conduta que lhe parece difícil atribuir a uma mulher. A norma se manifesta nesse esforço de interpretação, e não apenas em uma eventual punição posterior.

A leitura de Cardoso e Teixeira (2023), centrada no *queercoding* de Carmilla, permite situar essa ambiguidade na discussão sobre os modos indiretos de representar dissidências sexuais. Nosso argumento enfatiza o que essa codificação faz na relação: ela permite reconhecer o desejo, mas oferece linguagens concorrentes para enquadrá-lo como amizade, romance, perturbação ou ameaça. Também a distinção formulada por Twitchell (1981, p. 39), entre dominação nas histórias de vampiros masculinos e sedução nas de vampiras, precisa ser problematizada. Em Carmilla, a sedução constitui um dos meios de exercer domínio; separá-las rigidamente ocultaria o conflito que organiza a cena.

O parentesco não autoriza a mesma segurança interpretativa. O retrato de Mircalla, condessa de Karnstein, e a ascendência materna de Laura estabelecem uma ligação remota entre as personagens. Carmilla e Millarca são anagramas de Mircalla, e não acrônimos nem nomes de indivíduos diferentes (LE FANU, 2021, p. 82). A descoberta faz o perigo emergir do interior da genealogia familiar. A função demonstrável do episódio está na conversão da herança em ameaça: o passado da família retorna sob a aparência de uma intimidade desejada.

O corpo examinado e a autoridade sobre o relato

O adoecimento de Laura modifica o regime de interpretação dos encontros. Sensações que ela experimenta de maneira confusa passam a ser tratadas como sinais que outros podem examinar. Sua dificuldade de comunicar o sofrimento não significa ausência de fala: a narrativa é construída precisamente pela reconstrução minuciosa dessas experiências. A diferença está entre possuir uma lembrança e ter reconhecida a capacidade de explicá-la. O corpo oferece indícios que os adultos consideram decisivos, enquanto as palavras da jovem são submetidas à reorganização de quem reivindica conhecer a natureza da ameaça (Le Fanu, 2021, p. 71).

Na consulta médica, o exame de uma marca corporal é seguido por uma conversa reservada com o pai. Laura percebe que algo importante foi identificado e procura saber o que os dois concluíram. O procedimento reúne observação, descrição e exclusão parcial da paciente das decisões a seu respeito (Le Fanu, 2021, p. 68). O que a narrativa apresenta é a transferência de autoridade: uma experiência enunciada em primeira pessoa torna-se informação que circula entre homens responsáveis por protegê-la.

Essa proteção não precisa ser fictícia para possuir efeitos de poder. A novela confirma a gravidade da ameaça, e a intervenção contribui para salvar Laura. A questão histórica consiste em investigar a forma assumida por essa intervenção. Os responsáveis definem o que ela deve saber, quais medidas devem ser tomadas e quando sua interpretação pode ser dispensada. O cuidado e a tutela encontram-se associados. Por isso, o exame não se reduz à denúncia de uma ciência incapaz de compreender o sobrenatural: o médico participa da articulação de conhecimentos que tornará possível identificar e combater a vampira.

Há uma diferença relevante entre essa leitura e uma explicação fundada no simples conflito entre razão e superstição. A descoberta mobiliza o testemunho do general Spielsdorf, que perdeu sua sobrinha e tutelada, Bertha Rheinfeldt; o exame médico; os documentos reunidos pelo barão Vordenburg; e o reconhecimento familiar. Nenhuma dessas instâncias atua isoladamente. A morte de Bertha confere ao general uma experiência que torna comparáveis acontecimentos antes dispersos, enquanto os registros genealógicos identificam a repetição da mesma presença sob nomes diferentes. O saber eficaz resulta dessa convergência, cuja legitimidade é reforçada pela investigação oficial.

O tratado de Calmet, *O Mundo dos Fantasma*s de 1746, ajuda a historicizar essa forma de autoridade. A exumação, o sangue e o estado do cadáver são apresentados em uma narrativa apoiada em testemunhas e autoridades locais. O procedimento de destruição aparece como

resposta a sinais reconhecidos de vampirismo. O documento permite observar uma tradição de relatos que procuram tornar crível o extraordinário mediante formas de verificação. A indicação de Humphreys (2018, p. 317) sobre a circulação literária do compêndio situa a importância desse repertório, sem demonstrar, por si só, uma leitura direta de Calmet por Le Fanu.

A comparação proposta diz respeito a uma operação textual delimitada. Em Calmet e na execução narrada em *Carmilla*, o corpo é aberto à inspeção, os sinais recebem um significado e a violência é apresentada como consequência de uma identificação legitimada. Calmet fornece um documento para compreender esse repertório; Bataille permite perguntar como uma interdição pode conviver com uma exceção autorizada. A relação entre as fontes torna-se produtiva porque especifica a forma pela qual a narrativa converte a destruição de um corpo em ação reconhecida como necessária.

Esse controle interpretativo já está presente no prólogo da novela. Um editor ficcional apresenta o manuscrito entre os papéis de Hesselius, menciona a análise do médico e informa que Laura morreu antes de uma tentativa de retomar a correspondência. A voz da mulher chega ao público por meio de uma instância que a seleciona, apresenta e comenta. O enquadramento não elimina sua narrativa, mas estabelece condições para que ela circule como um caso digno de interesse (Le Fanu, 2021, p. 22). A relação de gênero envolve, assim, tanto o acesso ao corpo quanto a administração da palavra preservada depois de sua morte.

Ao mesmo tempo, a moldura não controla completamente o que o relato comunica. O editor decide não reproduzir a argumentação de Hesselius, e o leitor encontra a experiência de Laura com suas hesitações e contradições. O saber médico é anunciado, mas não recebe a última palavra dentro da narrativa que efetivamente lemos. Essa diferença é decisiva para a tese do artigo: o corpo pode ser colocado sob tutela e o manuscrito sob custódia sem que a memória se torne inteiramente compatível com a explicação que organiza o caso. A forma literária conserva uma zona de indeterminação que a reunião das provas não dissolve.

A execução da vampira e os limites da restauração

Antes da execução, a passagem do cortejo fúnebre já explicita o conflito em torno das formas coletivas de conferir sentido à morte. Carmilla rejeita os hinos e reage corporalmente à cerimônia, enquanto Laura procura participar do gesto de respeito. A oposição cristã ao vampiro organiza a cena, mas a diferença entre as duas personagens também está no reconhecimento de

uma morte como acontecimento comunitário (Le Fanu, 2021, p. 47). A vampira, cuja continuidade depende de outras vidas, encontra uma prática que interrompe a intimidade do par e inscreve a perda em uma ordem compartilhada.

A referência de Laura à possibilidade de uma epidemia transforma mortes sucessivas em ameaça que excede a casa. Essa passagem não comprova uma concepção médica única do vampirismo nem permite equipará-lo a uma doença determinada. Sua função narrativa é tornar relacionáveis sofrimentos inicialmente separados e ampliar o alcance da intervenção. O perigo que chega à família senhorial já atinge outras pessoas, menos individualizadas no relato. A resposta final se legitima como proteção de um território e de seus habitantes, embora o acesso do leitor a essa crise permaneça condicionado pela experiência privilegiada de Laura.

No capítulo XV, o túmulo de Mircalla é aberto em um procedimento formal. O pai e o general reconhecem a visitante; dois médicos examinam o cadáver; a preservação do corpo, os sinais de atividade vital e o sangue são considerados provas. Em seguida, o coração é atravessado por uma estaca, a cabeça é decepada e os restos são queimados. As cinzas são lançadas ao rio. A descrição estabelece uma sequência entre identificação, autorização e destruição. O excesso material da ação é incorporado a um rito cuja finalidade declarada é encerrar as mortes.

O sangue reaparece com um valor distinto daquele assumido na intimidade. Na relação entre as mulheres, sua apropriação sustentava uma continuidade desigual e clandestina. No túmulo, ele integra a prova da condição monstruosa e a demonstração da eficácia de sua eliminação. A mesma materialidade participa, assim, de duas operações: mantém a existência de Carmilla e justifica sua destruição. O efeito não se reduz a uma imagem ornamental de horror. O corpo ensanguentado concentra a passagem do desejo vivido em segredo para o objeto exposto à decisão coletiva.

Propomos interpretar essa sequência a partir da relação batailliana entre a força do interdito e a possibilidade de sua transgressão regulamentada. O grupo que intervém precisa diferenciar a violência predatória daquela exercida em defesa da comunidade. O reconhecimento de Carmilla como vampira estabelece a fronteira que permite atravessar e destruir seu corpo sem que isso seja apresentado como o mesmo crime que lhe é atribuído. O argumento não pressupõe um interdito universal e invariável contra toda forma de matar; identifica a construção narrativa de uma exceção. A ordem se restaura porque pode autorizar, para determinados agentes e fins, uma violência que condena em outra posição.

Essa leitura não transforma automaticamente a execução em sacrifício religioso no sentido de Bataille. Os ritos de proteção praticados pelo sacerdote na noite anterior e a destruição no espaço da capela não bastam para demonstrar uma experiência de continuidade sagrada entre os participantes. O dado analisável é a ritualização da destruição e sua validação por autoridades reconhecidas. A comparação com a violência íntima de Carmilla evidencia uma disputa pelo direito de dispor do corpo, mas mantém a diferença entre a ação de uma predadora e a defesa de suas vítimas.

Um desses significados aparece na passagem da mulher desejante ao corpo inspecionado. Carmilla, que antes ocultava sua história, dirigia o encontro e decidia o que revelar, é imobilizada e inteiramente submetida à leitura dos responsáveis pela investigação. A execução retira sua capacidade de agir e de falar. Ainda assim, a descrição registra um grito comparável ao de uma pessoa viva em agonia. Essa comparação introduz uma perturbação no interior da prova: o corpo identificado como não humano reage de maneira reconhecível humana. O relato não deixa a violência desaparecer sob o vocabulário da solução.

Laura não apresenta o acontecimento como uma observadora direta. Ela declara resumir um relatório da comissão imperial conservado pelo pai, com as assinaturas de quem presenciou o procedimento. A narrativa incorpora, portanto, uma mudança de fonte e de autoridade. O episódio que deveria oferecer a maior certeza sobre a natureza de Carmilla é transmitido por um documento institucional. Enquanto isso, as cenas de intimidade foram elaboradas a partir da experiência da narradora, mostrando que a verdade conclusiva do caso chega a Laura mediante uma interpretação já organizada e certificada por outros.

O capítulo final reabre a distância entre esse encerramento e a memória. A imagem da jovem brincalhona e bela alterna-se com a do ser monstruoso; Laura ainda imagina ouvir seus passos. A lembrança não deve ser reduzida a um amor secreto plenamente assumido, pois conserva o horror e a vulnerabilidade. Também não se restringe a uma prova de que o mal foi definitivamente expulso. A pessoa que narra continua afetada por imagens incompatíveis com uma separação estável entre a hóspede desejada e a inimiga destruída.

O desfecho permite, assim, distinguir êxito prático e fechamento interpretativo. A perseguição termina e a protagonista sobrevive aos ataques, mas a experiência permanece irreduzível à oposição entre inocência e corrupção. O relatório produz uma certeza que a memória não reproduz integralmente. A contribuição do cruzamento com Bataille está em

acompanhar essa sobrevivência do limite transgredido: o desejo não é simplesmente apagado quando seu objeto é eliminado. A norma pode recuperar a capacidade de governar o corpo sem recuperar um domínio completo sobre aquilo que a narradora recorda e transmite.

Circulação digital e possibilidades de investigação

A permanência dessa ambivalência oferece uma passagem para a discussão em Humanidades Digitais. O campo não se define pela simples utilização da internet para localizar um livro. Kirschenbaum (2012) destaca sua dimensão metodológica e as redes de trabalho que articulam computação e investigação humanística. No caso de *Carmilla*, uma aproximação produtiva envolve examinar como suportes, modos de acesso e práticas de circulação participam da produção de sentidos. A digitalização da novela e a criação de narrativas destinadas às plataformas constituem operações diferentes, que requerem procedimentos de análise igualmente distintos.

A websérie canadense *Carmilla*, exibida entre 2014 e 2016, constitui um caso documentado dessa reelaboração. O formato de videoblog e o protagonismo de personagens queer alteram as condições de enunciação do vínculo entre Laura e Carmilla. Duvezin-Caubet (2020) analisa como a adaptação reorganiza a relação entre vampirismo e lesbianidade, associando-a à agência feminina e à participação do público. Esse resultado não é projetado retrospectivamente sobre 1872. Ele evidencia uma transformação histórica na qual o relacionamento pode se tornar centro de identificação, deslocando a função que o desejo entre mulheres desempenha na construção da ameaça.

A comparação sugere uma pergunta decorrente da análise anterior: o que muda quando uma voz feminina, antes apresentada como manuscrito sob custódia de um editor, é encenada como comunicação audiovisual dirigida a uma audiência? O deslocamento altera a visibilidade da fala e as formas de produzir proximidade, sem garantir autonomia absoluta. A aparente comunicação direta continua organizada por escolhas de roteiro, enquadramento e distribuição. Para investigar essa mudança, seria necessário comparar episódios delimitados com as cenas da novela, observando quem controla a informação, quem interpreta a experiência e como a audiência é convocada a tomar posição.

Há também evidências de apropriação coletiva. Kumar (2021) examina o fandom de *Carmilla* no YouTube, Tumblr e Archive of Our Own como uma comunidade de afetos lésbicos. Seu estudo mostra que comentários, imagens e ficções de fãs participam da produção de

pertencimento, mas também de exclusões marcadas por raça e localização. O resultado impede tratar comunidades digitais como espaços uniformes de reconhecimento. Para a história da recepção, a questão passa a abranger quais personagens e experiências se tornam memoráveis, quais leituras ganham circulação e quais sujeitos encontram dificuldade para ter suas interpretações acolhidas.

A dimensão comercial integra esse processo. A própria Shaftesbury apresenta a websérie como uma produção transmídia realizada em parceria com a marca U by Kotex (Shaftesbury, [s.d.]). Esse documento institucional é evidência da organização e da apresentação comercial do projeto; suas afirmações promocionais não devem substituir dados independentes sobre efeitos junto ao público. A possibilidade de reconhecimento de sexualidades dissidentes convive com estratégias de consumo e valorização de marca. Historicizar a circulação exige examinar essa associação, sem supor que o financiamento comercial elimine toda apropriação crítica ou que a participação dos fãs suspenda as condições econômicas da produção.

Uma pesquisa futura poderia constituir um corpus delimitado de episódios, paratextos oficiais e registros públicos de recepção, anotando datas, versões, plataformas e critérios de seleção. A comparação de passagens permitiria acompanhar alterações no vocabulário do desejo, nos papéis de tutela e na representação da violência. O registro dos metadados e das condições de preservação seria necessário porque resultados de busca, remoções e modos de ordenar comentários interferem no que pode ser encontrado. Eventuais contagens ou visualizações teriam de ser confrontadas com leitura contextual: frequência de menções não equivale a concordância, identidade do público ou intensidade de um efeito histórico.

Essa abertura delimita uma consequência do argumento, sem substituir a análise realizada. Se o sentido da transgressão depende dos limites e das instâncias que a interpretam, sua circulação posterior permite investigar mudanças nessas relações. A vampira pode ser reinscrita em narrativas de pertencimento e continuar associada a conflitos sobre coerção, autoridade e reconhecimento. O diálogo com as Humanidades Digitais se estabelece no exame das condições materiais e sociais dessa reinscrição. A longevidade de *Carmilla* aparece, então, como problema de transmissão e transformação, e não como prova de um significado invariável que atravessaria todos os períodos.

Considerações finais

A análise mostrou que o erotismo em *Carmilla* participa da organização do conflito narrativo. A linguagem da união entre as personagens transforma a ultrapassagem dos limites individuais em promessa amorosa, mas atribui a Laura o custo corporal dessa aproximação. A continuidade assimétrica proposta neste artigo designa essa tensão: a vampira apresenta como comunhão uma relação na qual a outra mulher não controla as condições de sua participação. A ambivalência da narradora preserva, por sua vez, a coexistência entre atração, resistência e medo, impedindo reduzir a experiência a uma sedução sem violência ou a uma violência sem desejo.

O exame histórico precisou as relações que tornam essa construção legível. A inserção de Le Fanu na imprensa, a circulação seriada da novela e os debates contemporâneos sobre sujeição feminina afastam a imagem de um século XIX definido por uma moral única. Na ficção, hospitalidade, distinção social, exame médico e custódia documental distribuem de maneira desigual a possibilidade de agir e de interpretar. A perspectiva de gênero permite reconhecer tanto a iniciativa de Carmilla quanto os limites de uma agência que se exerce sobre outra mulher, assim como os efeitos de poder presentes nas práticas que buscam proteger Laura.

O cruzamento com Bataille tornou-se interpretativamente produtivo ao alcançar o desfecho. A ordem que combate a vampira não se coloca fora da violência: ela a distingue, regulamenta e legitima como meio de defesa. A execução resolve a ameaça mediante procedimentos que expõem, classificam e destroem o corpo transgressor. Entretanto, a voz de Laura não coincide integralmente com a conclusão certificada pelo relatório. A memória conserva a presença ambivalente de Carmilla. A hipótese sustentada é, portanto, que a restauração da autoridade sobre os corpos não produz necessariamente a restauração de um sentido único para a experiência.

Esse resultado também delimita o alcance do estudo. A análise da forma narrativa permite compreender operações de representação e possibilidades de leitura; não demonstra como todos os leitores oitocentistas reagiram à obra. A recepção digital, documentada por outros estudos, evidencia apropriações posteriores, que precisam ser investigadas em suas próprias condições. A passagem do caso médico ficcional às narrativas audiovisuais e às comunidades de fãs oferece um caminho para examinar historicamente a disputa pela palavra, pelo desejo e pela memória. A contribuição de *Carmilla* a essa discussão reside na persistência de uma experiência que a eliminação do monstro não consegue tornar inteiramente conclusa.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CALMET, A. **The phantom world**: or, the philosophy of spirits, apparitions, &c., &c. Edição, introdução e notas de Henry Christmas. Philadelphia: A. Hart, 1850. 2 v. em 1. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/29412>. Acesso em: 14 set. 2026.
- CARDOSO, A. M. L.; TEIXEIRA, P. S. O mito do vampiro e queeroding em Carmilla de Sheridan Le Fanu. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 17, n. 32, p. 162–179, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v17i32.18363>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/18363>. Acesso em: 14 set. 2026.
- DUVEZIN-CAUBET, C. Revamping Carmilla: the neo-Victorian transmedia vlog adaptation. **Polysèmes**, n. 23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/polysemes.6926>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polysemes/6926>. Acesso em: 14 set. 2026.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/mod/resource/view.php?id=177032>. Acesso em: 14 set. 2026.
- HUMPHREYS, J. P. C. O vampiro na literatura: um estudo sobre a constituição da performance da personagem através da permutabilidade do tema. **Revista de Letras Juçara**, Caxias, v. 2, n. 1, p. 312–331, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v2i1.1600>. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1600>. Acesso em: 14 set. 2026.
- JONES, A. M. On the publication of Dark Blue, 1871–73. In: FELLUGA, D. F. (ed.). **BRANCH: Britain, Representation and Nineteenth-Century History**. 2015. Disponível em: https://branchcollective.org/?ps_articles=anna-maria-jones-on-the-publication-of-dark-blue-1871-73. Acesso em: 14 set. 2026.
- KIRSCHENBAUM, M. What is digital humanities and what’s it doing in English departments? In: GOLD, M. K. (ed.). **Debates in the digital humanities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. p. 3–11. DOI: <https://doi.org/10.5749/minnesota/9780816677948.003.0001>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttv8hq.4>. Acesso em: 14 set. 2026.
- KUMAR, S. Carmilla fandom as a lesbian community of feeling. **Transformative Works and Cultures**, v. 36, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3983/twc.2021.2007>. Disponível em: <https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/2007>. Acesso em: 14 set. 2026.
- LE FANU, J. S. **Carmilla**: a vampira de Karnstein. Cotia: Pandorga, 2021.
- MAUME, P. Le Fanu, Joseph Thomas Sheridan. **Dictionary of Irish Biography**. Dublin: Royal Irish Academy, 2009. DOI: <https://doi.org/10.3318/dib.004732.v1>. Disponível em: <https://www.dib.ie/biography/le-fanu-joseph-thomas-sheridan-a4732>. Acesso em: 14 set. 2026.
- MILL, J. S; TAYLOR, H. **A Sujeição das Mulheres**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 14 set. 2026.

SHAFTESBURY. **Carmilla**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em:
<https://shaftesbury.ca/portfolio/carmilla/>. Acesso em: 14 set. 2026.

TWITCHELL, J. B. **The living dead**: a study of the vampire in Romantic literature. Durham: Duke University Press, 1981.

Recebido em: 24 de maio de 2025

Aceito em: 31 de julho de 2025
